



La Epopeya de Artigas, identidade e união nacional uruguaia no governo batllista (1903-1910)

La Epopeya de Artigas, Identity and Uruguayan National Union in the Batllist Government (1903-1910)

Elvis de Almeida Diana

Mestre em História

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

eaediana844@gmail.com

Recebido em: 18/04/2017

Aprovado em: 19/07/2017

RESUMO: No início do século XX, o Uruguai foi palco de profundas reformas implementadas pelos dois primeiros governos *colorados batllistas* (José Batlle y Ordóñez e Claudio Williman), após um longo período de guerras. Como forma de recuperar a identidade uruguaia em pleno período reformista e buscar uma união nacional, o poeta Juan Zorrilla de San Martín (1855-1931) foi incumbido, em 1907, pelo então governo *batllista* de Claudio Williman, de produzir uma obra que revigorasse os símbolos nacionais uruguaios. Dessa forma, foi publicada a obra *La Epopeya de Artigas*, em 1910, na qual Zorrilla de San Martín reconstrói os fatos da independência uruguaia liderados por José Artigas (1764-1850), considerado o herói da nação. Nessa direção, o que buscamos, por meio deste artigo, é propor uma reflexão sobre como esta obra contribuiu para que a intenção oficial de revitalização da identidade nacional uruguaia fosse levada a cabo naquele momento por meio da construção de uma “memória enquadrada”, na expressão de Michael Pollak, que buscasse a união política da nação.

PALAVRAS-CHAVE: Uruguai, Identidade nacional, Juan Zorrilla de San Martín.

ABSTRACT: In the early twentieth century, Uruguay was the scene of profound reforms implemented by the first two Batllist governments (José Batlle y Ordóñez and Claudio Williman) after a long period of wars. As a way of recovering Uruguayan identity in the midst of a reformist period and seeking a national union, the poet Juan Zorrilla de San Martín (1855-1931) was commissioned, in 1907, by the Batllist government of Claudio Williman to produce a work that would reinvigorate the Uruguayan national symbols. In this way, *La Epopeya de Artigas* was published in 1910, in which Zorrilla de San Martín reconstructs the facts of Uruguayan independence led by José Artigas (1764-1850), considered the hero of the nation. In this direction, what we seek, through this article, is to propose a reflection on how this work contributed so that the official intention of revitalizing the Uruguayan national identity was carried out at that moment by means of the construction of a "framed memory", in the expression of Michael Pollak, who sought the political union of the nation.

KEYWORDS: Uruguay, National identity, Juan Zorrilla de San Martín.



Nação, Identidade e memória nacional

Ao debruçar-se sobre o tema da nação e das nacionalidades na Europa, Ernest Gellner argumenta que “o nacionalismo não é o despertar das nações para a autoconsciência: ele *inventa* as nações onde elas não existem”¹. Por sua vez, Benedict Anderson, ao analisar esta visão de Gellner, ressalta que este último parte da ideia de que o termo “nação” está relacionado a uma “invenção” possuidora de um sentido de “falsidade”.² É justamente aí que Anderson argumenta a favor da definição de nação não como algo “falso”, mas sim como uma “comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana”³. E o autor prossegue afirmando que

Ela é *imaginada* porque os membros das mais minúsculas das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles.⁴

E, além de ser “imaginada”, conforme as considerações de Anderson, a nação também consistiria em uma “comunidade”, ou seja, algo capaz de superar todos os tipos de problemas internos como, por exemplo, a exploração e a desigualdade, e estabelecer um sentimento de “camaradagem” geral entre seus membros, de acordo com o autor norte-americano.⁵ Por sua vez, no que tange às Américas, Anderson defende que, embora os ideais do Iluminismo, da Revolução Francesa e da Independência dos EUA tenham contribuído para as independências dos países latino-americanos, não seria possível afirmar que os mesmos elementos tenham sido determinantes para a criação e consolidação de uma consciência nacional pós-independência nos Estados já criados de forma antecipada a este sentimento.⁶

Nesta direção apontada por Anderson, ao recorrer às ponderações de Ulpiano T. Bezerra de Menezes em relação às questões identitárias e dialogar com este autor sobre este assunto, Maria Lígia Coelho Prado chama a atenção para o fato de que a identidade não é algo que já existiria antes mesmo da formação das diversas sociedades e grupos, os quais já herdariam, do passado, estes valores de forma totalmente acabada e, por isso, não estaria isenta de análises.⁷ Dentro desta discussão sobre a questão nacional e o patriotismo que esses intelectuais buscavam construir nas

¹ GELLNER apud ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 32, Grifo do autor.

² ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 33.

³ _____. **Comunidades Imaginadas**, p. 32.

⁴ _____. **Comunidades Imaginadas**, p. 32. Grifo do autor.

⁵ _____. **Comunidades Imaginadas**, p. 34.

⁶ _____. **Comunidades Imaginadas**, p. 34.

⁷ MENESES apud PRADO, Maria Lígia Coelho. Uma introdução ao conceito de identidade. In: **Cadernos de Seminário Cultura e Política nas Américas**, Volume 1, 2009, p. 67.



populações dos países latino-americanos, Paulo Miceli, ao trabalhar o caso brasileiro, vem a contribuir de forma considerável ao relacionar o engendramento desses sentimentos cívicos com uma “finalidade” que os mesmos poderiam proporcionar ao levantar a questão sobre em que consistiria o nacionalismo/patriotismo. De acordo com Miceli, pelo fato de a nação não ser algo já “acabado” ou “dado como pronto” para a eternidade – ponto em que concorda com Prado -, sempre haveria a necessidade de transformar esses sentimentos em algo “palpável” e, assim, dar um caráter “material” aos mesmos ao longo da história.⁸

Nesse sentido, ao considerarmos o fato de que a nação não é algo “pronto” e sustentável de forma eterna, acreditamos ser pertinente ter em mente o papel da memória em meio a essas “elaborações mentais” sobre a nação, assim como Miceli ressalta.⁹ Isso nos remete a um diálogo direto com a definição de “memória” que o historiador francês Jacques Le Goff realiza. De acordo com Le Goff, a memória desperta a atenção do Estado e este, por sua vez, elabora e produz documentos e monumentos com o intuito de “[...] conservar os traços de qualquer acontecimento do passado [...]”¹⁰. Ainda neste sentido, Le Goff se estende em sua definição ao argumentar que

A apreensão da memória depende deste modo do ambiente social [...] e político [...]; trata-se da aquisição de regras de retórica e também da posse de imagens e textos [...] que falam do passado, em suma, de um certo modo de apropriação do tempo [...].¹¹

Ainda dentro deste debate sobre a questão da necessidade de construção do patriotismo enquanto algo “palpável” apresentada a nós por Miceli e da definição de “memória” colocada por Le Goff, tem relevância a contribuição do sociólogo austríaco Michael Pollak acerca da ideia de “memória nacional”¹². Segundo Pollak, para que o objetivo de construir-se a memória nacional seja alcançado, “um intenso trabalho de organização é indispensável para superar a simples ‘montagem’ ideológica, por definição precária e frágil”¹³. Ainda segundo as ponderações de Pollak, ao nos debruçarmos sobre o estudo das memórias coletivas tais quais as memórias nacionais, conseqüentemente, realizaremos uma análise das funções dessas memórias, buscando compreender as tentativas de definir e reforçar determinados sentimentos de pertencimento a certas coletividades, entre elas a própria nação.¹⁴

Nesse sentido, “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das

⁸ MICELI, Paulo. **O mito do herói nacional**. São Paulo: Contexto, 1988, p. 13.

⁹ _____. **O mito do herói nacional**, p. 13.

¹⁰ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão. 5ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 419.

¹¹ _____. **História e Memória**, p. 419.

¹² POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Trad.: Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**. V. 2, n. 3, 1989, p. 3-15, p. 9.

¹³ _____. Memória, esquecimento, silêncio, p. 9, aspas do autor.

¹⁴ _____. Memória, esquecimento, silêncio, p. 9.



instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade [...]”¹⁵. Nessa direção, ainda segundo o sociólogo austríaco, quando essa recorrência ao passado ocorre com o intuito de manter-se uma coesão nacional, há necessariamente um “enquadramento da memória”, de forma que esta última não pode ser construída de forma arbitrária e, justamente por isso, esse “enquadramento” se utiliza dos elementos que a história fornece para tal finalidade, elementos estes que podem ser interpretados e associados a muitos outros referenciais.¹⁶

Ao considerarmos as ponderações dos autores supracitados, damos destaque especificamente à interligação entre as ideias colocadas por Prado e Meneses, Miceli e Pollak, no que tange ao recorrente esforço de reinterpretação da identidade nacional por meio da recorrência a elementos da história do país e da construção de uma “memória nacional” como forma de dar um alicerce significativo ao passado da nação. Nesse sentido, é preciso ter em mente que essa construção do “patriotismo palpável”, assim como destacou Miceli, foi conduzida, grosso modo, tanto pelos intelectuais, quanto pelos artistas latino-americanos, tendo estes ficado, por sua vez, incumbidos de construir, aos poucos, a imagem de suas respectivas nações após as independências¹⁷ e, também, assim como especificou Anderson, pelos “[...] funcionários-peregrinos e impressores locais crioulos”¹⁸.

Além destes dois grupos elencados por Anderson, os quais ficaram encarregados de elaborar e construir o sentimento nacional em cada país latino-americano após as independências, podemos considerar, também, aqueles que Jorge Myers denomina como “os letrados patriotas”, os quais teriam exercido o papel de “[...] artífices [...] das novas identidades regionais que começavam a surgir das ruínas do império caído [...] um ‘intelectual’ cuja tarefa se definia como ‘porta-voz’ [...] dos interesses de sua pátria natal”¹⁹.

A partir destes “letrados patriotas” apresentados a nós por Myers, acreditamos ser pertinente considerar, também, aqueles autores latino-americanos que recorreram à escrita da história como forma de buscar no passado elementos para a construção da nacionalidade em seus

¹⁵ _____. Memória, esquecimento, silêncio, p. 9.

¹⁶ POLLAK. Memória, esquecimento, silêncio, p. 9.

¹⁷BAGGIO, Kátia Gerab. Reflexões sobre o nacionalismo em perspectiva comparada. As imagens da nação no México, Cuba e Porto Rico. **Varia Historia**, n. 28, dez. 2002. p. 41.

¹⁸ANDERSON. **Comunidades Imaginadas**, p. 106. O “crioulo” (ou *criollo*) seria o indivíduo nascido na América ou em outra parte do mundo que não a Europa, mas que possuía a descendência europeia. Para mais informações sobre este assunto, ver: ANDERSON. **Comunidades Imaginadas**, p. 84.

¹⁹MYERS, Jorge. El letrado patriota: los hombres de letras hispanoamericanos en la encrucijada del colapso del império español em América. In: ALTAMIRANO, Carlos (dir.). **Historia de los intelectuales em America Latina**. Vol. 1. Buenos Aires: Katz, 2008, p. 121-122. Aspas do autor. Todas as citações deste trabalho referentes à bibliografia em idioma estrangeiro (espanhol) ou concernentes às fontes primárias analisadas são traduções livres, realizadas pelo autor deste artigo.



respectivos países. Sobre este ponto, Fernando J. Devoto afirma que umas das maiores características da Europa e da América, no século XIX, foi a atuação de “homens de letras” preocupados em construir relatos sobre o passado da nação recém-independente, ou seja, letrados que, incumbidos ou não pelos novos Estados e motivados pela necessidade de dar coesão a certos grupos sociais daquele contexto, passaram a se debruçar sobre a elaboração de relatos históricos com o intuito de dar destaque aos nacionalismos do período pós-independência nos novos estados nacionais.²⁰ Ainda de acordo com Devoto, “nesse marco, a historiografia poderia brindar instrumentos coesivos e identificatórios sob a forma de um relato das origens, entendido como uma espécie de ‘auto-biografia’ da nação [...]”²¹.

Nessa direção, ao enfatizarmos especificamente o caso uruguaio, além da atuação de Francisco Bauzá (1849-1899) elencada por Devoto²², Juan Zorrilla de San Martín (1855-1931)²³ também figurou entre os principais nomes que buscaram reforçar a identidade nacional por meio da recorrência aos símbolos históricos da referida nação platina. Esses autores iniciaram sua atuação tanto política, quanto intelectual na década de 1870 e, ao buscarem analisar os mitos fundadores da nação uruguaia em um contexto marcado por guerras civis e divergências partidárias entre os *blancos* e *colorados*, estes intelectuais focaram suas atenções na figura do general José Gervásio Artigas, considerado o herói da independência do país platino.²⁴ Desse modo, a atuação dos autores supracitados consistia em uma forma, segundo Pablo Rocca, de criar um imaginário de caráter nacionalista capaz de manter o recém-criado Estado uruguaio “de pé”, além de representar uma oposição ideológica a alguns intelectuais daquele momento que defendiam “modelos” institucionais próprios dos Estados Unidos.²⁵

²⁰ DEVOTO, Fernando J. La construcción del relato de las Orígenes en Argentina, Brasil y Uruguay: las historias nacionales de Varnhagen, Mitre y Bauzá. In: ALTAMIRANO, Carlos (dir.). **Historia de los intelectuales em America Latina**. Vol. Buenos Aires: Katz, 2008, p. 269.

²¹ _____. La construcción del relato de las orígenes en Argentina, Brasil y Uruguay, p. 269, aspas do autor.

²² No referido trabalho, além do historiador uruguaio Francisco Bauzá, Fernando J. Devoto também aborda a atuação historiográfica do historiador brasileiro Francisco Varnhagen (1816-1878) e do historiador argentino Bartolomé Mitre (1821-1906). Para mais informações, ver: _____. La construcción del relato de las Orígenes en Argentina, Brasil y Uruguay, p. 269-289.

²³ Juan Zorrilla de San Martín teve uma agitada vida profissional, política e intelectual. Obteve as ocupações de advogado, poeta e diplomata e é conhecido como um dos maiores poetas da história uruguaia. Foi opositor ao processo de secularização implementado gradualmente pelo Estado uruguaio ao longo do século XIX e vivenciou muitas medidas reformistas empreendidas pelo governo de José Batlle y Ordóñez no início do século XX. Para mais informações, ver: ZUBILLAGA, Carlos. Um semillero de controvérsias: La Epopeya de Artigas de Juan Zorrilla de San Martín. **Revista Complutense de Historia de América**. vol. 33, 2007, p. 218-219. Para mais informações sobre o processo de secularização da sociedade uruguaia ao longo da história do país platino, ver: CAETANO, Gerardo; GEYMONAT, Roger. **La secularización uruguayaya (1859-1919): catolicismo y privatización de lo religioso**. Montevidéo: Ediciones Santillana, 1997. t. 1. 274 p.

²⁴ ROCCA, Pablo. Los destinos de la nación. El imaginário nacionalista en la escritura de Juan Zorrilla de San Martín, Eduardo Acevedo Díaz y su época. In: ACHUGAR, Hugo; MORANA, Mabel. **Uruguay: imaginários culturais**. Desde lashuellas indígenas a la modernidad. Montevidéo: Trilce, 1998. 329 p.

²⁵ _____. Los destinos de la nación, 329 p.



Neste sentido, buscamos, neste trabalho, apresentar e analisar a atuação do intelectual uruguaio Juan Zorrilla de San Martín no período das reformas sociais, econômicas e culturais implementadas pelos governos *batllistas*²⁶ de José Batlle y Ordóñez e de Claudio Williman no Uruguai do início do século XX. O governo deste último presidente incumbiu Zorrilla de San Martín de produzir uma obra que tratasse sobre a memória do herói da independência nacional, José Gervásio Artigas. Esta obra, por meio da narrativa sobre os feitos e a vida de Artigas, teve a finalidade de auxiliar os escultores que produziram o monumento ao herói nacional localizado na Plaza Independencia²⁷ da capital uruguaia, Montevidéu, no período supracitado e é intitulada *La Epopeya de Artigas*, publicada em 1910.²⁸

Antes de darmos prosseguimento aos nossos objetivos, acreditamos ser pertinente tratar, de modo breve, sobre as principais informações acerca da obra *La Epopeya de Artigas*, escrita por Juan Zorrilla de San Martín e que consiste em nossa fonte documental. A obra que analisamos é composta por dois tomos contendo as conferências que Zorrilla de San Martín realizou ao narrar, para os escultores, os fatos da campanha de Artigas na época da independência. O tomo I possui 438 páginas e dezesseis conferências²⁹, ao passo que o tomo II contém 441 páginas e outras onze conferências³⁰ que juntos, totalizam 879 páginas e vinte e sete conferências.³¹

Nesse sentido, para que nosso objetivo seja alcançado no presente trabalho, buscaremos abordar não somente o fato, em si mesmo, da “encomenda”, por parte do governo uruguaio de então, da produção de *La Epopeya de Artigas* junto a Juan Zorrilla de San Martín, mas, também, analisar especificamente alguns trechos da referida obra que mais nos remetem ao que propomos desde o início de nosso trabalho: apresentar e refletir sobre como a memória de Artigas foi produzida de forma “enquadrada”, conforme as indicações de Michel Pollak³², a partir da iniciativa

²⁶ Para melhor explicarmos o que significam os termos *batllistas* e *batllismo*, nos apoiamos nas indicações que Marcos Alves de Souza realizou acerca desta questão quando afirma que a expressão “batllismo” associada às medidas reformistas empreendidas por José Batlle y Ordóñez a partir de seu primeiro mandato. Ainda segundo Souza, “é importante salientar que a historiografia uruguaia denomina por ‘batllismo’ tanto o período histórico quanto o movimento político reformista e modernizador levado a cabo pela elite dirigente batllista, no controle do poder do Estado”. SOUZA, Marcos Alves de. **A cultura política do “batllismo” no Uruguai (1903-1958)**. São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2003. p. 35. Para maiores informações sobre a vida, a obra e a atuação política de José Batlle y Ordóñez, além das disputas políticas no Uruguai do século XX, ver: _____. **A cultura política do “batllismo” no Uruguai (1903-1958)**, 168 p.

²⁷ ZUBILLAGA, Carlos. **Un semillero de controversias**, p. 218.

²⁸ ZORRILLA DE SAN MARTIN, Juan Zorrilla. **La Epopeya de Artigas: Historia de los tiempos heroicos del Uruguay**. Tomo I. Montevidéu: A. Barreiro y Ramos, [1907] 1910. 438 p.

²⁹ _____. **La Epopeya de Artigas**, Tomo I, 438 p.

³⁰ _____. **La Epopeya de Artigas**, Tomo II, 441 p.

³¹ De acordo com Carlos Zubillaga, depois desta primeira edição por meio da qual embasamos nosso estudo, houve outras. A segunda edição também foi composta por dois tomos, publicados entre os anos de 1916 e 1917 e totalizando quase 1400 páginas. Além desta segunda edição, Carlos Zubillaga nos informa que a obra foi publicada outras duas vezes: uma em 1930, e outra, em 1963, que contou com o prólogo de Juan E. Pivel Devoto. Para maiores informações sobre as várias edições de *La Epopeya de Artigas*, ver: ZUBILLAGA. **Um semillero de controversias**, p. 217-240.

³² POLLAK. Memória, esquecimento, silêncio, p. 9.



governamental, com a finalidade de difundir o sentimento patriótico da identidade nacional uruguaia de forma “palpável” ou “material” – de acordo com as ponderações de Miceli.³³ Nesse sentido, ao concordarmos com Pablo Rocca, isto poderia representar uma tentativa de “pacificação” e coesão nacional em meio aos embates políticos entre os *colorados batllistas* e nacionalistas (membros do Partido Nacional).³⁴

Neste sentido, ao dialogarmos com autores como Pablo Rocca³⁵, Gabriel Souza Sordi³⁶ e Carlos Zubillaga³⁷, procuraremos oferecer uma proposta de análise sobre como esta obra poderia ter representado um elemento que contribuiria para a coesão e união nacional em um período de reformas que não eram unânimes dentro da sociedade uruguaia e que foram empreendidas depois de um longo período de guerras civis, assim como veremos a seguir.

O reformismo *batllista* e a produção de *La Epopeya de Artigas*

Entre o fim do século XIX e início do século XX, o Uruguai passava por uma complexa situação que era caracterizada por guerras civis³⁸ empreendidas pelos chamados “partidos tradicionais” (o *blanco* e o *colorado*), o que já havia motivado várias tentativas de pacificação e estabilização política e social, mas sem sucesso.³⁹ Nesse contexto, José Batlle y Ordóñez foi eleito e assumiu a presidência do Uruguai em 1903, em um período ainda marcado por várias turbulências políticas, as quais ainda representavam uma nação fracionada e desarticulada social e politicamente.⁴⁰ Dentre os mais variados conflitos ocorridos até então naquele país, tem destaque o levante realizado pelos setores rurais mais conservadores, os quais tinham vinculação ao Partido Nacional (antigo partido *blanco*)⁴¹. Este levante, que foi intitulado de “Grande Guerra”⁴², também pode ser resumido de acordo com o seguinte trecho:

Este [...] conflito civil [...] durou nove longos meses e explodiu quando se começava a acreditar que as guerras entre partidos políticos já haviam sido

³³MICELLI. **O mito do herói nacional**, p. 13.

³⁴ROCCA. **Los destinos de la nación**, p. 247.

³⁵_____. **Los destinos de la nación**, p. 247.

³⁶SORDI, Gabriel Souza. Salvar lanación oriental: política e cultura no Uruguai dos anos 1910-1920. In: *Anais do XII Encontro Internacional da ANPHLAC*. Campo Grande: ANPHLAC, 2016. p. 1-12. Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/Gabriel%20Sordi_Anais%20do%20XII%20Encontro%20Internacional%20da%20ANPHLAC.pdf>. Acesso em: 14/04/17.

³⁷ZUBILLAGA, Carlos. **Un semillero de controversias**, 217-240.

³⁸Algumas destas guerras próprias do século XIX foram a *Guerra Grande* (1839-1851), a *Revolución de Las Lanzas* (1970-1872) e vários levantes liderados pelos caudilhos locais ao longo do século XIX e mais intensamente na década de 1870, fuzilamentos motivados por conflitos menores ao longo deste mesmo século, entre outros conflitos. Para mais informações, ver: BARRAN, José Pedro. **Apogeo y crisis del Uruguay pastoril y caudillesco**: 1839-1875. t. 4. Montevidéo: Banda Oriental, 1990a. 145 p.; BARRAN, José Pedro; NAHUM, Benjamin. **Historia rural del Uruguay moderno**: 1851-1914. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 1967. 653 p.

³⁹_____. **Apogeo y crisis del Uruguay pastoril y caudillesco**, 145 p.

⁴⁰SOUZA. **A cultura política do “batllismo” no Uruguai (1903-1958)**, 168 p.

⁴¹_____. **A cultura política do “batllismo” no Uruguai (1903-1958)**, p. 41.

⁴²_____. **A cultura política do “batllismo” no Uruguai (1903-1958)**, p. 41.



definitivamente superadas. Na verdade, *foi aquele um enfrentamento entre dois países que ainda coexistiam dentro de fronteiras*. Um, principalmente *blanco*, exigia a liberdade eleitoral e uma democracia política completa, mas também incluía os estancieros mais tradicionais que continuavam criando gado mestiço [...] e aceitava o paternalismo dos caudilhos para com seus peões. O outro Uruguai, predominantemente *colorado*, defendia o princípio de um governo unificado, mas também representava o novo país da criação de ovelhas, o gado melhorado que o frigorífico permitia colocar em mercado britânico, além do proprietário de terra como homem de negócios capitalista.⁴³

Após os nacionalistas⁴⁴ terem sido derrotados, o Uruguai deixou de ser palco das inúmeras guerras internas e o país passou a vivenciar um período reformista protagonizado pelo governo de José Batlle y Ordóñez, que foi caracterizado por uma sólida centralização do poder estatal.⁴⁵ Em seu primeiro mandato⁴⁶, Batlle y Ordóñez realizou reformas em vários âmbitos no país. No plano social e jurídico, houve a supressão da pena de morte; a lei do divórcio; a criação de um dispensário para tratar as pessoas com tuberculose, doença que se espalhou pelo país platino devido às péssimas condições sanitárias causadas pelas guerras anteriores.⁴⁷ Além disso, ainda no plano social, o primeiro governo de Batlle y Ordóñez colocou em vigência uma lei que garantia direitos de pensão aos trabalhadores em caso de acidente, além de ter sido aprovada a aposentadoria por idade equivalente aos 60 anos e por tempo de serviço, sendo correspondente a 30 anos de trabalho.⁴⁸

O governo de Batlle y Ordóñez também buscou levar a educação de caráter público à totalidade da população do país platino daquele início de século por meio da lei que regulamentava a criação de vários liceus e escolas por todo o interior do Uruguai. No nível acadêmico, o número de cursos universitários aumentou, especialmente os de administração e de veterinária, pois havia uma intenção de fazer com que esses cursos pudessem suprir tanto as demandas burocráticas e estatais intensificadas pelo governo *batllista*, quanto as demandas próprias da área rural, setor no qual, até aquele momento, estava concentrada a principal atividade econômica do país.⁴⁹

Além disso, consideramos importante destacar, assim como faz Marcos Alves de Souza, que, a despeito do governo de José Batlle y Ordóñez não ter sido considerado radical por causa de suas reformas, seu modo de governar e seu pensamento teriam incomodado os setores sociais mais

⁴³ ODONNE, Juan A. La formación del Uruguay moderno c. 1870-1930. In. BETHELL, Leslie (Ed.). **História de América Latina: América del Sur, c. 1870-1930**. Tomo 10. Barcelona: Editorial Crítica, 1992, p. 126, grifo nosso.

⁴⁴ No que tange à denominação de “nacionalistas” em nosso trabalho, seguiremos, mais uma vez, as indicações de Marcos Alves de Souza, que propõe a utilização desta expressão para nos referirmos aos membros do Partido Nacional. Para mais informações, ver: SOUZA. **A cultura política do “batllismo” no Uruguai (1903-1958)**, p. 11.

⁴⁵ _____. **A cultura política do “batllismo” no Uruguai (1903-1958)**, p. 41-42.

⁴⁶ José Batlle y Ordóñez foi presidente do país platino em duas ocasiões: a primeira, de 1903 a 1907, e a segunda, de 1911 a 1915. Para mais informações sobre os dois mandatos de José Batlle y Ordóñez, ver: _____. **A cultura política do “batllismo” no Uruguai (1903-1958)**, 168 p.

⁴⁷ ROMERO, Imaculada. **José Batlle**. Protagonistas de América. Madrid: Quorum, 1987. p. 78-79.

⁴⁸ _____. **A cultura política do “batllismo” no Uruguai (1903-1958)**, p. 43.

⁴⁹ _____. **A cultura política do “batllismo” no Uruguai (1903-1958)**, p. 42.



conservadores (grandes proprietários de terra e alguns intelectuais receosos das medidas mais liberais colocadas em prática por Batlle y Ordóñez). Isso podia ser verificado, ainda conforme as contribuições de Souza, devido às desconfianças destes setores ao “[...] ideário batllista, que propunha reformas que alterariam o seio familiar tradicional, como anticatolicismo e o divórcio pela vontade da mulher”⁵⁰.

Após quatro anos de reformas, o governo de Batlle y Ordóñez foi sucedido pelo de Claudio Williman, entre os anos de 1907 e 1911. Em linhas gerais, o governo de Williman, segundo Marcos Alves de Souza, foi

[...] considerado mais moderado pelos conservadores, em comparação com o ímpeto reformista de seu antecessor. Pelos operários era visto como um reacionário, uma vez que a reforma social seria conduzida, neste governo, de maneira mais lenta e cautelosa.⁵¹

Ainda segundo Souza, o ponto de maior destaque do governo de Williman foi, em termos políticos, o esforço deste de propor um acordo junto ao Partido Nacional devido à forte oposição realizada pelos parlamentares deste último partido à política de exclusivismo *colorado* empreendida por Batlle y Ordóñez em seu primeiro mandato.⁵² Isto teria contribuído para que a ala de maior relevo dentro do Partido *Colorado*, que ficou conhecida como *batllista* (comandada por Batlle y Ordóñez), se unisse às demais tendências do restante do partido e tivesse maior força política dentro do congresso uruguaio. No entanto, o receio de Williman era que as discordâncias ainda existentes entre os dois partidos pudessem arrastar o país platino para mais uma guerra civil poucos anos após o final da *Grande Guerra* de 1904.⁵³

É justamente nessa direção que nosso trabalho toma corpo e sustentação ao dialogarmos tanto com Gabriel Souza Sordi quanto com Carlos Zubillaga, autores que, assim como Marcos Alves de Souza, também tratam sobre este período em seus trabalhos. Assim como bem pontuou Gabriel Sordi ao dialogar com a historiadora argentina Patricia Funes, a “salvação” da nação uruguaia, de uma forma geral, não se encontrava tanto no âmbito artístico, mas sim na área da história da nação:

[...] embora profícua e digna de nota (e mesmo considerando-se que toda a produção artística evidencia, de uma maneira ou de outra, um posicionamento político), não foi no campo da poesia, da literatura ou das artes plásticas que o

⁵⁰ _____. **A cultura política do “batllismo” no Uruguai (1903-1958)**, p. 44.

⁵¹ _____. **A cultura política do “batllismo” no Uruguai (1903-1958)**, p. 45.

⁵² Embora o governo de Williman tenha seguido as tendências políticas *coloradas batllistas*, especificamente as colocadas em prática por Batlle y Ordóñez anteriormente, o governo daquele não foi caracterizado pela continuidade total das reformas empreendidas por este. Para maiores informações a respeito das medidas empreendidas pelo governo de Claudio Williman e a sua relação com as medidas do primeiro mandato de José Batlle y Ordóñez, ver: _____. **A cultura política do “batllismo” no Uruguai (1903-1958)**, 168 p.

⁵³ _____. **A cultura política do “batllismo” no Uruguai (1903-1958)**, p. 45-46.



Uruguai debruçou-se rigorosamente sobre uma salvação política de sua nação, campo analisado por Funes em outros países da América. Será em outro campo, o da revisão de sua “história oficial”, o lugar onde se operaria uma profunda cisão com visões passadas e novas projeções que idealizariam o Uruguai tanto de outrora, como o do porvir.⁵⁴

Nessa direção, Sordi⁵⁵ nos apresenta como se deu essa revisão da “história oficial” uruguaia por meio da obra de alguns autores como Eduardo Acevedo Vázquez, com sua obra *José Artigas: Su obra cívica; Alegato histórico*, e Juan Zorrilla de San Martín, por meio de sua obra *La Epopeya de Artigas*, publicada em 1910. Além disso, Sordi também trata sobre como a “história oficial” uruguaia foi revista a partir da cunhagem de moedas e da mudança dos nomes de algumas localidades do país.⁵⁶ Neste sentido, a partir das informações que Sordi nos traz, o que nos interessa neste trabalho é analisarmos especificamente a obra *La Epopeya de Artigas*, elaborada por Zorrilla de San Martín, com o intuito de compreender, de forma mais detida, como a memória de Artigas foi produzida pelo poeta uruguaio a fim de atender aos interesses estatais na busca de uma coesão da nação por meio da (re)construção da identidade nacional uruguaia daquele contexto.

Nesse sentido, segundo Carlos Zubillaga, já havia a intenção de realizar-se a construção de um monumento dedicado à Artigas desde a década de 1880, mas que só foi concretizado no decorrer do reformismo *batllista*, mais especificamente em 1907, quando o governo de Williman abriu um concurso para que escultores tanto uruguaios, quanto estrangeiros, pudessem apresentar alguns esboços sobre tal monumento.⁵⁷ Alguns dos artigos do decreto que regulamentou a construção do monumento e a abertura de tal concurso para os escultores, que foi assinado pelo então presidente Williman e pelo ministro das Relações Exteriores, Jacobo Varela Acevedo, diziam o seguinte:

Artigo 1º. Erija-se na Praça da Independência um monumento à imortal memória do GENERAL JOSÉ ARTIGAS, precursor da nacionalidade oriental [...]. Artigo 4º. Designa-se ao DOUTOR JUAN ZORRILLA DE SAN MARTÍN para que, de acordo com as instruções do governo, prepare uma Memória sobre a personalidade do GENERAL ARTIGAS, e os dados documentais e gráficos que possam necessitar os artistas.⁵⁸

O trecho anterior permite que façamos algumas constatações importantes. Primeiramente,

⁵⁴ SORDI. *Salvar la nación oriental*, p. 7. Aspas do autor.

⁵⁵ Acreditamos ser pertinente destacar que o referido trabalho de Sordi tem por objetivo central tratar sobre o debate acerca de como os intelectuais uruguaios das décadas 1910 e 1920 contribuíram para que a nação uruguaia pudesse ser “salva”, estendendo a discussão iniciada pela historiadora argentina Patricia Funes que, por sua vez, tratou sobre este tema em países como Argentina, Peru e México no mesmo período. Para isso, Sordi não aborda somente a atuação de Juan Zorrilla de San Martín, mas também elenca vários outros intelectuais daquele contexto como o já citado Eduardo Acevedo Vázquez (1857-1948), Fernán Silva Valdés (1887-1975), Juana de Ibarbourou (1892-1979) e os artistas plásticos Pedro Figari (1861-1938) e Joaquín Torres García (1874-1949), entre outros, todos eles imersos no referido debate político. Para mais informações, ver: _____. *Salvar la nación oriental*, p. 1-12.

⁵⁶ _____. *Salvar la nación oriental*, p. 9-10.

⁵⁷ ZUBILLAGA. *Un semillero de controversias*, p. 218-220.

⁵⁸ ZORRILLA DE SAN MARTÍN. *La Epopeya de Artigas*, Tomo I, p. V-VI. Grifos do autor.



no Artigo 1º, notamos que está expressamente claro o reconhecimento, por parte do governo uruguaio, de que Artigas representaria um dos maiores símbolos nacionais do país platino e, justamente por isso, a intenção em se construir um monumento em homenagem à sua memória considerada “imortal”, como podemos verificar. Além disso, também é possível percebermos que o governo de Williman parece confiar totalmente no trabalho de Juan Zorrilla de San Martín ao designar este intelectual para a produção de uma narrativa histórica que contribuísse para a construção do monumento pelos escultores a serem escolhidos. Neste sentido, a escolha de Zorrilla de San Martín pelo governo de Williman poderia ser compreendida, segundo Zubillaga, pelos seguintes motivos:

O encargo não somente reconhecia a idoneidade historiográfica e estética de Zorrilla de San Martín, mas também aludia ao clima de indefinição que ainda se apreciava o papel de Artigas na revolução rio-platense⁵⁹, não obstante a decisão governamental de reafirmação identitária nacionalista que a exaltação pública daquele supunha e para consolidar o que foi essencial para a fixação de um cânone artístico.⁶⁰

Além destas considerações, de acordo com a leitura que Pablo Rocca realiza sobre os argumentos de Nicolas Shumuay, alguns poetas latino-americanos do século XIX estavam mais vinculados ao estilo neo-clássico e romântico como José Trinidad Reyes Sevilla, José María Heredia, entre outros. Nesse sentido, Zorrilla de San Martín, assim como aqueles poetas, também demonstrou, ainda de acordo com Shumuay e Rocca, uma tendência em representar, em sua obra, as mitologias que tinham o papel de “justificar” e/ou legitimar a formação das sociedades na história dos países da América Latina. Dessa forma, ainda conforme Shumuay e Rocca, isto representava a tentativa de edificação de uma identidade de caráter coletivo, muito ligada a uma história dos mitos nacionais.⁶¹

Nessa direção, um trecho de fala do próprio Zorrilla de San Martín, no qual este autor, ao se pronunciar sobre a recorrência à figura de Artigas, expressa, de forma clara, a sua concepção de “identidade nacional” em carta de caráter confidencial enviada ao ministro das Relações Exteriores:

Parece-me que foi a esperança de que pudesse ser eu [...] o móvel do artigo 4º. do decreto de 10 de maio de 1907. Fui escolhido porque acreditei; porque minha vida inteira foi uma constante comunhão [...] com os fiéis do triunfante dogma cívico que, nesse homem Artigas, chamam, e não sem motivo, de o GRANDE CALUNIADO DA HISTÓRIA AMERICANA [...]. Esperava-se encontrar em mim um som de tantas almas, capazes de condensar, mais ou menos inteiramente, a alma coletiva deste povo: a tradição nacional, o conjunto de

⁵⁹ De acordo com Carlos Zubillaga, na passagem do século XIX para o XX, as interpretações sobre o papel de Artigas na independência uruguaia eram permeadas por ambigüidades, marcadas por aceitação e rejeição à figura de Artigas, representado por um “anti-artiguismo”. Para mais informações sobre este assunto, ver: ZUBILLAGA. **Un semillero de controversias**, p. 217-240.

⁶⁰ _____. **Um semillero de controversias**, p. 219.

⁶¹ SHUMUAY apud ROCCA. Los destinos de la nación, 245.



imagens amadas, e de emoções sentidas, e de nomes pronunciados, e de linhas e cores, e expressões preferidas, cuja comunidade constitui ainda mais do que o território, e até mais que a raça e a língua, a entidade moral que o homem chama pátria.⁶²

No trecho acima, Zorrilla de San Martín se refere a Artigas como “o grande caluniado da história americana” como uma forma de reconstruir e, também, “redimir”, digamos, a figura história de Artigas. Em relação a essa tentativa de reconstrução e “redenção” de Artigas ao longo do tempo, Ana Freganos informa que houve, de fato, na história uruguaia, essa recorrência a uma outra imagem histórica daquele que foi considerado o “herói nacional”. De acordo com Frega, a atuação de Artigas na época da independência até sua morte era associada ao caudilhismo de uma forma negativa, tendo sido considerado um “bandido” ou até o “[...] ídolo de uma multidão ignorante”⁶³. Neste sentido, a tentativa de reconstrução da imagem de Artigas foi impulsionada, segundo Frega, pelas tendências daquela que ficou conhecida como a “história tradicional” uruguaia, que foi representada, segundo a autora, por autores como Carlos María Ramírez (*Artigas*, 1885), Clemente Fregeiro (*Artigas: Estudio Histórico*, 1885), Francisco Bauza (*Historia de la dominación española en el Uruguay*, 1895-1897), o já citado Eduardo Acevedo Vázquez (*Artigas: Alegato histórico*, 1908-1910) e o próprio Zorrilla de San Martín, com *La Epopeya de Artigas*.⁶⁴ Estes intelectuais, ainda segundo Frega, contribuíram para a

[...] recriação do personagem, transformando-o em “herói cívico-militar”. Retomou-se a noção hispânica do caudilho, guia e condutor de homens em tempos de guerra; recorreu-se à imagem bíblica de Moisés, como patriarca e herói civilizador de seu povo; concederam-lhe os atributos de estadista e estrategista, como apóstolo da ideia republicana, agente da soberania popular e porta-estandarte das ideias de humanidade e de ordem.⁶⁵

Neste sentido, também é possível verificarmos um indício desta “virada” em torno do significado da figura histórica de Artigas, assim como apontou Frega, na obra de Juan Zorrilla de San Martín. É justamente sobre este ponto que nos dedicaremos a partir de agora, procurando analisar como Zorrilla de San Martín retrata a memória de Artigas em *La Epopeya* de forma a representá-lo como “modelo” virtuoso, generoso e possuidor de um caráter exemplar. Nessa direção, Zorrilla de San Martín argumenta em prol da finalidade que a história teria na criação do patriotismo nos cidadãos: “[...] a finalidade primordial da história dos povos não é outra que a formação do patriotismo, ou seja, do sentimento RACIONAL de amor à Pátria, e o culto de seus

⁶² SAN MARTÍN. *La Epopeya de Artigas*, p. XII-XIII, grifos do autor.

⁶³ FREGA, Ana. La virtud y el poder. La Soberanía particular de los pueblos en el proyecto artiguista. In: GOLDMAN, Noemi; SALVATORE, Ricardo (comp.). **Caudillismos rioplatenses: nuevas miradas a un viejo problema**. 2ª Ed. Buenos Aires: Eudeba, 2005, p. 104.

⁶⁴ _____. La virtud y el poder, p. 105.

⁶⁵ _____. La virtud y el poder, p. 105. Aspas da autora.



heróis [...]”⁶⁶. Nesse sentido, Zorrilla de San Martín deixa claro que uma de suas intenções é desconstruir essa imagem e redimir a figura histórica de Artigas:

Por causas que os farei conhecer, uma lenda venenosa, uma fatal conspiração histórica pesou, até há pouco tempo, sobre a memória de nosso Artigas, e sobre o coração da pátria oriental, por conseguinte; uma maligna conspiração de irracionais ódios, e de rancores injustos. A história americana foi um sepulcro, mais que um sepulcro, um inferno cerco dantesco para esse altivo desdenhoso da glória. Não sem razão, o governo de meu país, no eloqüente decreto em que me encarrega que os instrua de sua intenção, chama Artigas de *o grande caluniado da história americana*.⁶⁷

Assim como podemos perceber, Zorrilla de San Martín se utiliza dos elementos históricos que seleciona e da narrativa que elabora em torno da figura de José Artigas para fins “palpáveis”, na expressão de Miceli⁶⁸, com o intuito de demonstrar que aquele sempre teria sido “caluniado” e, conseqüentemente, revigorar a identidade nacional uruguaia daquele momento. Além disso, quando Zorrilla de San Martín afirma que a história não tem outra função a não ser a de construir um “sentimento patriótico racional”, ele explicita que isso é feito de forma consciente, a partir de motivações próprias de seu presente, assim como afirma Pollak.⁶⁹ Nesse sentido, uma das maiores motivações de seu presente, por exemplo, poderia ser representada pela possibilidade iminente de novas guerras civis no Uruguai, as quais poderiam ser causadas pelas muitas divergências ainda presentes entre os congressistas do Partido Nacional (antigos *blancos*) e os *colorados batllistas*, que, naquele momento, estavam no poder, assim como já vimos anteriormente. Dessa forma, a resolução destas questões poderia estar centrada na recorrência ao passado da nação para a elaboração, por Juan Zorrilla de San Martín a pedido do governo *colorado batllista*, da memória de Artigas de forma “enquadrada”.⁷⁰

A partir dessa apologia ao caráter e pensamento de Artigas, Juan Zorrilla de San Martín busca recuperar e/ou reconstruir a memória do herói nacional uruguaio de forma que passa a representá-lo como possuidor não somente de um “caráter exemplar”, mas também de um “pensamento admirável”, segundo o poeta uruguaio:

Artigas era o pensamento e o caráter. Como e de quais elementos se formou nesse homem extraordinário esse pensamento e esse caráter, é uma questão que me parece insolúvel. Os que pretenderam resolvê-la disseram mais de uma loucura. Há quem viu nele um ignorante, um analfabeto, por que não se vê toga, o título acadêmico [...]; os outros se empenharam em apresentá-lo com suficiente ilustração e preparação intelectual para ter concebido uma doutrina política, um plano de ação e organização; estes se empenham em averiguar que livros pôde

⁶⁶ ZORRILLA DE SAN MARTÍN. *La Epopeya de Artigas*, tomo I, p. XI. Grifos do autor.

⁶⁷ _____. *La Epopeya de Artigas*, tomo I, p. 7. Grifos do autor.

⁶⁸ MICELI, Paulo. *O mito do herói nacional*. São Paulo: Contexto, 1988, p. 13.

⁶⁹ POLLAK. Memória, esquecimento, silêncio, p. 9.

⁷⁰ POLLAK. Memória, esquecimento, silêncio, p. 9.



ter lido. Livros! [...] nos documentos de Artigas que lemos, [...] se vê sempre o pensamento invariável, o espírito, o caráter, a ação de Artigas, em toda essa miscelânea de escritos.⁷¹

Além de todas as ponderações e reformulações elaboradas por Zorrilla de San Martín acerca dos feitos, do caráter e do pensamento de Artigas, o intelectual uruguaio também se esforça para representar o “herói” da independência uruguaia como um agente histórico que, por meio de sua liderança política de um século antes, contribuiu para uma maior “articulação” e “coesão” nacionais frente às forças das demais “ameaças”:

*Sua autoridade é tão indispensável quanto indiscutível; desaparecer Artigas e desaparecer a pátria oriental nesse momento é a mesma coisa. Mas Artigas [...] Conserva a autoridade e a influência necessárias para dar um núcleo de unidade, de coesão e de vida àquele organismo inarticulado e incipiente; faz sentir essa influência cada vez que a dissolução o ameaça; mas não afoga nela a vida espontânea; estimula-a, tonifica-a e, sobretudo, procura inocular-lhe o espírito democrático [...] o dos mais aptos, dos mais honestos, designados livremente pelo povo. Para isso, procura dar aos *Cabildos*⁷² de toda a República, ao de Montevideu especialmente, [...] o maior número de atribuições; os incita a desempenhá-las com liberdade, se dirige a eles em termos de respeito, e até de acatamento; pede-lhes recursos, jamais dispõe destes por si mesmo; recomenda-lhes as obras de progresso, a proteção do povo, a dos deserdados principalmente, a consciência na administração, a conservação, sobretudo, da ideia e do sentimento de pátria, e de dever de defendê-la até o sacrifício.⁷³*

O que podemos perceber no trecho acima é a existência de mais um exemplo da recorrente tentativa, por parte de Zorrilla de San Martín, de reforçar a ideia de uma “coesão nacional”, associando esta possibilidade a elementos democráticos e de liberdade política e, também, de um sentido moralizante para as atividades do Estado para com o povo, de modo que sempre ficasse explícita essa relação de unidade. Assim como destacamos no excerto acima, para Juan Zorrilla de San Martín, a autoridade, que era um elemento próprio de Artigas, dava o caráter unívoco entre este a nação. Em outras palavras, a imagem de Artigas se unia totalmente à existência da nação, o que não permitia, segundo Zorrilla de San Martín, uma dissolução entre um e outro: ambos estavam fundidos em algo único. Nessa direção, o poeta uruguaio prossegue argumentando, em consonância com o que já havia defendido antes, que Artigas, ao exercer sua liderança, priorizou os elementos democráticos:

Artigas não cessa de encarecer o respeito à liberdade de sufrágio, e de estimular seu exercício. O povo começava [...] a exercitar-se na vida institucional, e se vê com toda a clareza que Artigas não deseja outra coisa: criar e revigorar a entidade que deve substituí-lo na liderança política; não ser ele necessário à vida da nação

⁷¹ ZORRILLA DE SAN MARTÍN. *La Epopeya de Artigas*, tomo I, p. 320-321.

⁷² Os *Cabildos* são denominações atribuídas às repartições de caráter administrativo colonial espanhol, as quais exerciam atividades não somente administrativas, mas também de ordem legal e fiscal. Para mais informações sobre este assunto, ver: SOUZA, Susana Bleil de Souza. Política e administração na sociedade colonial hispânica. In: WASSERMAN, Claudia. América Latina: Cinco séculos (temas e problemas). Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 1996. 223 p.

⁷³ ZORRILLA DE SAN MARTÍN. *La Epopeya de Artigas*, tomo I, p. 378. Grifo nosso.



que criava.⁷⁴

Embora já havia afirmado antes que a figura de Artigas e a existência da nação representassem algo único, Juan Zorrilla de San Martín, no trecho acima, defende que, para fazer com que o povo “oriental” continuasse caminhando de forma autônoma e democrática dali em diante, Artigas, ao desejar a coesão de toda a nação, tinha o interesse de que o povo não o visse como o “único” líder. Nesse sentido, segundo Zorrilla de San Martín, o maior interesse de Artigas era que o povo se inspirasse na figura do herói nacional para tal exercício institucional democrático autônomo a partir daquele momento. Além disso, algumas passagens de caráter simbólico são destacadas por Zorrilla de San Martín ao dar continuidade em sua narrativa sobre os feitos de Artigas. Uma delas diz respeito à ocasião em que Artigas convida um *gaucho*⁷⁵ para dividir um banquete com ele e seus oficiais e que foi realizado em Las Piedras:

Creio que o quadro é homérico. O gaúcho rio-platense viu sempre, naquele homem, um ser superior, mas um ser de sua espécie, digno de amor, assim como de respeito. Isso era o que o herói queria: não humilhar o povo; estar nele; ser considerado um semelhante pelos mais desgraçados; ser a forma pessoal, amável para todos, para esse desgraçado especialmente, da Pátria pela qual morriam.⁷⁶

Nessa direção, como podemos verificar no excerto acima, ao buscar desconstruir a “calúnia” histórica que Artigas teria sofrido, Zorrilla de San Martín busca demonstrar que o “herói” da independência uruguaia possuía virtudes, entre elas, a de não colocar distâncias ou barreiras entre ele (a representação simbólica política e institucional do novo regime) e todas as camadas da população, especificamente as mais humildes, como os *gauchos*. Este fato poderia ser interpretado como mais um argumento que Zorrilla de San Martín elaborou e apresentou como forma de identificação e, conseqüentemente, construção de uma coesão maior da nação uruguaia de seu contexto político e social. Acreditamos que é sempre importante recordar que o referido período diz respeito às tentativas de acordo político realizadas pelo governo *coloradobatllista* do então presidente Claudio Williman junto aos congressistas e partidários do Partido Nacional no país platino, assim como Marcos Alves de Souza⁷⁷ já havia nos inteirado anteriormente. Além disso, a narrativa de Juan Zorrilla de San Martín também buscou representar Artigas como um político piedoso com os prisioneiros que seus homens haviam feito em um dos combates contra os

⁷⁴ZORRILLA DE SAN MARTÍN. *La Epopeya de Artigas*, tomo I, p. 378.

⁷⁵Os *Gauchos* ficaram convencionalmente conhecidos como membros de parte das populações da área rural em algumas regiões do Sul da América do Sul e que, muitas vezes, estariam sob a influência política do caudilho ou dos grandes proprietários de terra nestes lugares. Para maiores informações, ver: SOUZA. *A cultura política do “batllismo” no Uruguai (1903-1958)*. 168 p.; LYNCH, John. *Las repúblicas del Rio de la Plata*. In: BETHELL, Leslie (Org.). *Historia de América Latina*. América Latina Independente, 1820-1870. Tomo 6. Barcelona: Editorial Crítica, 1991. P. 264-315.

⁷⁶ZORRILLA DE SAN MARTÍN. *La Epopeya de Artigas*, tomo I, p. 380.

⁷⁷SOUZA. *A cultura política do “batllismo” no Uruguai (1903-1958)*, 168 p.



argentinos.⁷⁸ E o poeta uruguaio pretendeu deixar isso claro no seguinte trecho, referente às memórias documentais do General Díaz citadas por Zorrilla de San Martín, de quase cem anos antes, nas quais este último também se baseou para a produção de sua narrativa:

A paz entre o General Artigas e os revolucionários de Buenos Aires era o fundamento das esperanças que nos tinha feito conceber aquele chefe: sua intenção, nesse caso, era a de ficar conosco, e colocar-nos em liberdade [...]. O General Artigas se aproximou de nós na metade do caminho, com vários chefes e oficiais que o acompanhavam, e deu [...] seu braço como apoio ao coronel Balbastro que estava enfermo”. “Aproveitamos aquela ocasião para expressar ao General nossa gratidão por seu generoso procedimento para conosco [...]. Dissemos, então que, se houvesse podido ter lugar a paz, não haveria tido inconveniente em colocar-nos em liberdade; mas que os deputados portenhos não haviam querido entrar em acordo com as proposições que lhes havia feito.⁷⁹

Após citar estes trechos, Zorrilla de San Martín deu ênfase aos mesmos e os justificou da seguinte forma para os escultores presentes em sua conferência:

Aí tens Artigas, meus amigos artistas; esse é o homem, creio que o tens visto bem de perto. Os virtuosos de Buenos Aires [...], tem-no tratado de inculto, de bárbaro e sanguinário [...]. E como tal ingressou na história americana. Acredito que já acendemos a luz suficiente para afugentar para sempre essas sombrias ambições exteriores.⁸⁰

Como podemos perceber, por meio dos trechos anteriores, Zorrilla de San Martín buscava sempre reforçar a necessidade de se empreender uma unidade, uma coesão nacional em sua narrativa sobre Artigas. Ao mesmo tempo, também se preocupava em desconstruir a imagem negativa que havia sido construída em relação à figura de José Artigas para, logo em seguida, reconstruí-la como exemplo de moral e de outros elementos que, para aquele intelectual uruguaio, pareciam representar referenciais positivos para a identidade nacional uruguaia daquele momento. Nessa direção, ao enfatizar, de forma recorrente, a figura histórica de Artigas como possuidor de “força” e “superioridade moral”, Zorrilla de San Martín trata sobre as noções de “homens autoridade” e “homens não autoridade” para se referir ao “herói” da independência e àqueles que não possuíam estas características:

⁷⁸ Segundo John Lynch, existia, naquele momento, uma rivalidade entre Montevideu e Buenos Aires que já vinha desde a época colonial. Para mais informações, ver: LYNCH, John. *Lasorígenes de la independencia hispanoamericana*. In: BETHELL, Leslie (Org.). **Historia de América Latina**. La independencia. Tomo 5. Barcelona: Editorial Crítica, 1991. P. 1-40. De acordo com as informações de David Bushnell, Artigas conseguiu forte apoio dos *gauchos* ao iniciar, na área rural, um levante contra a metrópole, Espanha. Além disso, Artigas defendia a ideia de dar mais autonomia às províncias da região do Rio da Prata, ideia contrária ao que defendia o governo de Buenos Aires. Nesse sentido, Artigas se tornou o líder daqueles que eram considerados “anti-portenhos” e defendiam o federalismo na região em relação ao governo de Buenos Aires. Assim, ainda de acordo com as informações de Bushnell, dentre as batalhas entre a metrópole espanhola, Buenos Aires e aqueles liderados por Artigas, este saiu vencedor e, por isso, a capital Argentina lhe concedeu a que, hoje, é a capital do Uruguai, Montevideu. Para maiores informações sobre esta temática, ver: BUSHNELL, David. *La independencia de la América del Sur española*. In: BETHELL, Leslie (Org.). **Historia de América Latina**. La independencia. Tomo 5. Barcelona: Editorial Crítica, 1991. P. 75-123.

⁷⁹ ZORRILLA DE SAN MARTÍN. **La Epopeya de Artigas**, tomo I, p. 419-420. Aspas do autor.

⁸⁰ _____. **La Epopeya de Artigas**, tomo I, p. 420.



Eu acredito que [...] a autoridade civil ou política não é outra coisa que a revelação, a encarnação melhor dizendo, em um ou mais homens, de um princípio ou força superior ao homem mesmo, e que é, também, *unidade, ordem, harmonia, felicidade*. Somente assim se concebe a superioridade do homem autoridade sobre o homem não autoridade, e o dever moral de obedecer ao primeiro [...]. O homem ou os homens que encarnam aquele princípio ou força ordenadora devem ser os melhores, os mais aptos, os mais abnegados, ou seja, os que, por seus dotes e virtudes, sejam mais capazes de esquecer-se de si mesmos, para pensar no bem comum, nesse que chamamos estado, pátria, ou como queirais chamá-lo. Esses são os legítimos, os verdadeiramente legítimos.⁸¹

O que mais parece se destacar na passagem acima, entre as demais informações, é a associação realizada por Zorrilla de San Martín entre o “homem autoridade” e as expressões “unidade”, “ordem”, “harmonia” e “felicidade”, as quais nos permitem refletir sobre seu uso por Zorrilla de San Martín naquele contexto. Devido às muitas guerras civis ocorridas no país causadas pelas divergências políticas entre os antigos partidos tradicionais, os *blancos* (que, posteriormente, se tornaram o Partido Nacional) e os *colorados*—embates armados que já mencionamos anteriormente neste trabalho —, é totalmente compreensível que Zorrilla de San Martín estivesse produzindo sua narrativa com a intenção de buscar a “unidade” da nação. Esta tentativa, por parte de Zorrilla de San Martín, se daria por meio da reafirmação da identidade histórica e da “memória nacional enquadrada” de Artigas, na expressão de Pollak⁸², embasadas na figura histórica e nos feitos do referido “herói” nacional uruguaio. Esse apelo à “unidade” e “coesão” nacionais almejava a “harmonia” e a “ordem” política e social, ou melhor, o equilíbrio, a estabilidade política, que, juntos, poderiam conduzir à “felicidade” da nação uruguaia daquele momento.

E, dentro destas relações supracitadas, podemos perceber, também, a referência e associação das características anteriormente citadas com outras, tais como a democracia e o republicanismo. De acordo com Juan Zorrilla de San Martín, estas seriamas formas de governo que deveriam necessariamente ser seguidas:

Os republicanos somos tais, enquanto, resistindo a acreditar na existência de homens predestinados [...] a ser os maiores e os mais aptos, os nascidos, por conseguinte, com o direito congênito ou divino de ser reis ou imperadores, ou como queirais chamá-los, julgamos que o meio que mais racionalmente conduz a dar com tais pessoas aptas, para acatar o princípio ordenador que nelas se encarne, é o que consiste designá-las pela vontade nacional. A democracia [...] é o direito divino porque a razão natural proclama que a potência política suprema resulta, naturalmente, da constituição da sociedade humana, e que, pela força dessa mesma razão, *ela pertence à sociedade toda*. Isso, como vedeis, não era outra coisa [...] que a atual *soberania popular*. O mundo moderno acredita hoje nisso como um em postulado; a democracia triunfou; ninguém pode duvidar; é a dona da sociedade. E é a República sua forma mais perfeita.⁸³

⁸¹ _____. **La Epopeya de Artigas**, tomo II, p. 8. Grifo nosso.

⁸²POLLAK. Memória, esquecimento, silêncio, p. 9.

⁸³ZORRILLA DE SAN MARTÍN. **La Epopeya de Artigas**, tomo II, p. 8-9. Grifos do autor.



A democracia e o republicanismo, associados à figura de Artigas, constituiriam a forma de governo que também representaria, de acordo com a ótica de Zorrilla de San Martín, um elemento de coesão nacional, pois as escolhas políticas da população seriam respeitadas dentro deste sistema político, o que não ocorria de forma consensual até a “Grande Guerra”, de 1904. Assim como já elencamos antes, vários conflitos ocorreram antes deste evento. Desde o final do processo de independência ocorreram assassinatos isolados de políticos⁸⁴, fuzilamentos⁸⁵ e várias guerras ao longo do século XIX e início do XX, assim como já mencionamos anteriormente, todos causados por motivações políticas. Além disso, a expressão “soberania popular” foi destacada pelo próprio autor ao tratar da democracia como “vontade divina”, ou seja, como algo dotado de caráter místico e superior a qualquer tentativa de fragmentação e desunião da nação.

Nessa direção, acreditamos ser pertinente recorrer à informação que Pablo Rocca nos traz acerca do fato de que o primeiro governo de José Batlle y Ordóñez já havia conseguido trazer para seu lado o intelectual nacionalista de orientação *blanca* Eduardo Acevedo Díaz, em 1903, que, naquele momento, ainda segundo Rocca, era o principal líder do Partido Nacional (antigo partido *blanco*) na área urbana.⁸⁶ Além disso, ainda conforme as informações que Rocca nos fornece, o governo *batllista*, nesse caso, o de Williman, obteve mais um êxito, que foi o da cooptação de Juan Zorrilla de San Martín, com a finalidade de que este intelectual escrevesse memória do herói nacional uruguaio, José Artigas, em sua *Epopéya*.⁸⁷ Além disso, estamos de acordo com Rocca quando este autor trata sobre o significado da incumbência, por parte do Estado, da produção de uma obra que tratasse sobre a reafirmação da identidade nacional, que veio a ser intitulada *La Epopeya de Artigas* e elaborada por Zorrilla de San Martín, conforme explícito no seguinte trecho:

No território da representação simbólica, essa força política modernizadora [...] cumpre com o imperativo da conciliação nacional, que encabeçava a burguesia e que todas as forças sociais reclamavam depois da guerra civil de 1904. [...] no Uruguai da primeira década do século XX este pacto social que hegemoniza o batllismo, transforma o nacionalismo liberal em um nacionalismo estatal.⁸⁸

Nesse sentido, acreditamos que a análise que buscamos realizar da narrativa elaborada por

⁸⁴ Um dos casos mais emblemáticos foram os assassinatos de dois ex-presidentes da República, Bernardo Prudencio Berro e Veâncio Flores, ocorridos exatamente no mesmo dia, em 1868, após levantes armados, sendo que um deles foi liderado pelo próprio Berro contra o então presidente Flores. Para maiores informações sobre este assunto, ver: BARRAN. **Apogeo y crisis del Uruguay pastoril y caudillesco**, 145 p.

⁸⁵ Um destes fuzilamentos ocorreu em 1858, após mais uma tentativa de tomada do poder empreendida pelo então *Partido Conservador*. O resultado consistiu no fuzilamento dos participantes deste levante, o que contribuiu para minar uma das tentativas de pacificação do período idealizada pelo governo do então presidente Gabriel Antonio Pereira, que ficou conhecida como “política de fusão” dos partidos tradicionais como forma de se acabar com as disputas armadas pelo poder. Para maiores informações sobre este tema, ver: _____. **Apogeo y crisis del Uruguay pastoril y caudillesco**, 145 p.

⁸⁶ ROCCA. Los destinos de la nación. p. 247.

⁸⁷ _____. Los destinos de la nación. p. 247.

⁸⁸ _____. Los destinos de la nación. p. 247.



Juan Zorrilla de San Martín a respeitosa memória do herói da independência, José Artigas, permite que possamos propor uma reflexão sobre tais fatos e sobre a questão política unida ao âmbito cultural, ambos, nesse caso, associados à tentativa de união e coesão da nação. Esses fatos nos remetem a refletir sobre a possível objetivação, por parte do governo uruguaio *colorado batllista* de Williman, da tentativa de um consenso entre as maiores forças políticas do período, os *blancos* (que, já há um tempo, havia se tornado o Partido Nacional) e os *colorados batllistas*. Esta tentativa de união nacional teria se dado por meio da (re)construção e difusão de uma identidade nacional pautada no sentimento de coletividade e embasado na elaboração da “memória enquadrada”, conforme a expressão de Michael Pollak⁸⁹, produzida por Zorrilla de San Martín a respeito dos feitos e da história de Artigas. Em outras palavras, teria consistido na transformação do “nacionalismo liberal” em “nacionalismo estatal”, de acordo com as ponderações de Pablo Rocca presentes no trecho supracitado, as quais justificariam o que o próprio Zorrilla de San Martín afirmou em certo momento: sobre a função da história, que seria a de produzir o sentimento patriótico, ou seja, a história teria um sentido “palpável” ou “material”, conforme Paulo Miceli.⁹⁰ E, pelo que podemos perceber, parece que foi isso que tanto Juan Zorrilla de San Martín, quanto o Estado uruguaio de então buscaram realizar no contexto que abordamos neste trabalho.

⁸⁹ POLLAK. Memória, esquecimento, silêncio, p. 9.

⁹⁰MICELI, Paulo. **O mito do herói nacional**. São Paulo: Contexto, 1988, p. 13.